



Texto de DIONÍSIO DOMINGOS

Fotos de ANTÓNIO XAVIER

"PIDES": A NECESSIDADE DE JUSTIÇA REVOLUCIONÁRIA

UM dos aspectos que tem caracterizado a evolução política portuguesa de há ano e meio a esta parte são as hesitações dos actuais órgãos de decisão, nomeadamente no que diz respeito à situação dos "pides". Entretanto, as ameaças, quicá algumas vestidas de pele de cordeiro, com origens nacionais e internacionais, criando uma certa instabilidade, nos últimos dias, são cada vez mais constantes. Como se isso não bastasse, as repetidas fugas de elementos da ex-P.I.D.E.-D.G.S., em circunstâncias extremamente obscuras, vêm contribuir para aumentar as incertezas sobre o futuro, senão mesmo prejudicar um processo que aponte, verdadeiramente, para a transformação social deste país. Trata-se, de facto, de clarificar o caminho que queremos seguir e de encontrar a terapêutica correcta para as infecções produzidas pela própria dinâmica da construção de uma nova sociedade. Mas isso ainda não aconteceu. Porquê?

Os impasses, as hesitações têm sido uma constante do momento que se vive. E também a benevolência (inexplicável) em relação aos elementos de uma instituição de bem triste memória. Quem diz que esta benevolência não produzirá condições para o exercício do ódio por aqueles que agora são tratados "democraticamente"?

Fundamentalmente, são estas as razões que explicam a fácil evasão de 87 "pides". Na verdade, a fuga do forte de Alcoentre, considerado como dos mais seguros da Europa, prendeu, com naturais preocupações, a atenção do País.

É que não é a primeira vez que se verifica a evasão de elementos da tenebrosa organização, que se quer em absoluta extinção, a qual, de resto, tem provocado interrogações por parte de partidos políticos e, também, da A.E.P.A. A evasão de "pides" é um acontecimento que se repete. Porque fogem? É um facto que um detido tem natural tendência para se libertar. Mas também não há dúvida que só as facilidades de que os "pides" gozam poderão consentir uma fuga de 87 pessoas, que não são propriamente presos comuns: também eles pren-



Após a fuga dos "pides" é que se apertou a vigilância no forte de Alcoentre. Na foto de cima, ao fundo, militares procedem à identificação dos que não puderam fugir. EM BAIXO — Um "pide" explica ao repórter que a situação destes elementos é injusta. Diz: "É urgente resolver a nossa situação."

"PIDES" A NECESSIDADE DE JUSTICA REVOLUCIONARIA

deram e têm muita preparação. Sabem do ofício. A suavidade de tratamento em relação a elementos do regime anterior parece ter ganho importância de cânone no processo político português, pois quantos membros do ex-Governo não continuarão a passear nas avenidas de Lisboa, como disse o comandante Xavier, director dos Serviços Prisionais Militares. E os "pides" e demais responsáveis, tranquilamente em terras de Espanha e França, talvez actuantes? Será com benevolência e, sobretudo, com negligência que se pretende responder aos inúmeros crimes cometidos pela P.I.D.E.-D.G.S.?

Os que estão no forte de Alcoentre, disseram o comandante Xavier, "eram agentes de primeira e segunda classe", donde, portanto, se poderá concluir que não têm responsabilidades, por exemplo, nas torturas aplicadas a centenas de portugueses. Assinale-se, porém, que entre os 87 estava o que assassinou Ribeiro dos Santos. Alguns até, afirmou o comandante Xavier, "são filhos do povo". Então, de quem haveriam de ser? Mas o povo gostará destas seus "filhos"? A verdade é que pertenciam a uma instituição que o povo odiava, como o demonstraram as atitudes tomadas pelas populações nos dias 26 e 27 de Abril de 1974, por exemplo, na Rua António Maria Cardoso, e a colaboração que têm prestado na captura de "pides". Por outro lado, os evadidos não deixam de utilizar as suas "habilidades" em relação às pessoas que nas proximidades de Alcoentre os procuram ou cercam. São pessoas conscientes, que pertenciam conscientemente à P.I.D.E. e, nem pensar, não estão inocentes. Eram peças de uma máquina terrivelmente eficaz.

E, apesar disso, têm estado indefinidamente detidos. Praticam karate — agora já não —, circulam livremente, fazem as refeições, estudam inglês, convivem, estão sempre em grupo. A vigilância é feita à distância e negligente. Perguntei ao comandante Xavier, que, como já se referiu, é o director dos Serviços Prisionais Militares, em estilo de afirmação, se esta gente não será irrecuperável. "Como é que você sabe?" Depois, disse-me que se pensa pôr em prática um processo pedagógico, em estudo, tendente à reeducação dos "pides" detidos em Alcoentre. Entretanto, enquanto presos, estas pessoas têm feito trabalhos de agricultura, oficinas e outros, segundo aquele militar conducentes à sua "democratização e socialização". Quais são os sinais de recuperação? Perguntamos. Eles fogem!

TEM-SE justificado a fuga pelas "deficientes condições de segurança", decorrentes da própria estrutura das prisões, dos serviços de vigilância, da carência de meios. O forte de Alcoentre, ainda em obras,





Um bocado da grade serrada. Para evitar o ruído, deitaram-lhe azeite ou água. A escada utilizada para a fuga (na outra página) e a janela por onde fugiram os 87 "pides".

oito oficiais fazem um inquérito, enquanto o Conselho de Revolução decide que os eventuais culpados serão julgados em tribunal militar.

avaliado em mais de 300 mil contos, ainda não tem a funcionar, por razões que o comandante Xavier classifica de "burocracite", sistemas de segurança como raios infravermelhos, câmaras de televisão e detectores sísmicos.

Foi justamente por uma zona considerada forte, isto é, com poucas possibilidades de fuga, que os "pides" se evadiram, depois de serrar a cobertura de uma janela. Eis uma das razões por que a fuga provocou interrogações. Se não lhes é autorizada a posse de instrumentos, como é possível que se tenham apoderado de uma serra? E mais: como é possível que não seja imediatamente detectada uma fuga tão demoradamente preparada e tão longamente executada? Segundo o comandante Xavier, a fuga teria sido preparada por cinco ou dez detidos e os restantes "aproveitaram o comboio", assegurando que não houve conivência, conforme já foi apurado. Entretanto,

A TÉ aqui, não só tem havido uma inexplicável benevolência e hesitação em relação aos "pides", como também permitido o arrastar da sua situação. Retarda-se, sem razão aparente — haverá alguma? —, o julgamento de pessoas que torturaram e mataram e, por outro lado, julgam-se, segundo a legislação anterior, militantes antifascistas. A situação dos elementos da ex-P.I.D.E., D.G.S. terá de ser resolvida revolucionariamente, atitude de que as instâncias do poder português actual têm sido incapazes.

Ainda recentemente, Otelo Saraiva de Carvalho revelava-se preocupado com o facto de "termos querido fazer uma revolução muito bonita", mas a verdade é que não se deram as respostas necessárias para que a revolução (revolução?) se torne, efectivamente, "feia". Não pode ser o povo a pagar pelas hesitações do Governo, nem poderá continuar a permitir que o Governo hesite, neste caso em relação ao principal esteio do regime anterior.